

SONHOS VÃOS

1232 Rubem Braga

UMA revista francesa pergunta a alguns leitores — em que lugar do mundo você gostaria de encontrar por acaso a mulher amada?

Frívola pergunta, e chega a ser triste para quem, afinal de contas, não tem mulher amada nenhuma para encontrar em parte alguma.

Mas, por que não confessar que essa pergunta me fez sonhar? Para sonhar com método, comecei por imaginar a mulher amada; isto é fácil para qualquer homem em qualquer momento de sua vida. A mulher sonhada, na verdade, varia com os momentos, única vantagem, aliás, que leva sobre a amada real.

Sonhei-a. Fraca é a minha imaginação; não sei inventar nada, nem o enredo de um conto, nem o trecho de uma peça; se tivesse imaginação, escreveria novelas e não crônicas de jornal. Assim, para falar verdade, a amada ideal saiu um pouco demasiado parecida com uma senhora desta praça; só que, não sei porquê, a coloquei dentro da moldura de um retrato inglês do século passado; um retrato que vi numa galeria em Washington: talvez de Hogarth, talvez de Reynolds, Sir Joshua Reynolds. Por que os pintores de hoje não fazem mais retratos assim, se limitam ao mero busto, quase sempre sem fundo sequer? Retrato de minha amada haveria de ser de corpo inteiro, em atitude gentil, distraída, talvez, com paisagem no fundo.

Penso em lugares onde andei, Paris, Capri; mas seria odioso lembrar de outras pessoas; estando a seu lado. Penso em praias do Brasil, em pequenos lugares sonolentos de beira-rio no Brasil, com árvores imensas junto ao remanso, e cigarras no fim da tarde...

Nova York; não a Nova York daquele hotel onde morei, trabalhei, conheci gente, tinha amigos e amigas, podia dar a quem chegasse um copo de uísque, aquele apartamento que acabou quase igual à minha água-furtada de solteiro em Ipanema, tanto é monótono o homem só. Mas o primeiro hotel onde me deixaram, enorme, feio, hostil, onde senti a delícia de não conhecer ninguém, ficar vagamente lendo uma revista no lobby, vendo aquele incessante entrar e sair de gente estranha — de súbito, você!

E talvez fôssemos ao restaurante italiano, e pudéssemos comer alguma coisa e ficar longamente entre o vinho e o queijo e a conversa amiga. Mas andaríamos longamente pelos lugares mais plenos de gente, nossos corações pulsando de manso no seio da apressada multidão, espiando vitrinas, entrando aqui e ali, descobrindo pequenas coisas e pequenos seres amigos no tumulto da cidade imensa...

Uma revista francesa não me perguntou nada e eu estou sonhando à toa — e o que é pior, sozinho.

M 607

DN 28.1.58

RN 113

7/9/66

149